

O elogio da colonização: os “pioneiros”, a história de Coronel Vivida e construção de uma narrativa memorialístico/historiográfica no sudoeste paranaense.

Maurício de Fraga Alves Maria
UNESP/Assis

Resumo: Em 1992 surge uma iniciativa por parte da prefeitura vividense de estabelecer as bases para uma história do município. Formado em História, Filosofia e Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e residindo na época em São Lourenço – Santa Catarina – João David Folador é contratado para escrever esta primeira história vividense. Pouquíssimas informações restam sobre o autor, entrando praticamente em esquecimento no município. Nesta perspectiva, este trabalho, busca refletir acerca deste empreendimento, além de buscar compreender a escolha dos eixos temáticos presentes na obra, bem como a postura teórico-metodológica adotada pelo autor.

Palavras-chave: História de Coronel Vivida; escrita da história; memória; pioneiros.

A História, tornando-lhe presente a experiência dos séculos passados, ministra-lhe conselhos tão seguros como desinteressados, que lhes aclaram os caminhos que deve seguir os escolhos que deve evitar, e o seguro porto, a que uma sólida manobra pode felizmente fazer chegar à nau do Estado.

Januário da Cunha Barbosa¹

Uma cultura poderosa, forte, vibrante e vigorosa, integrada pela imagem do bandeirante e estancieiro e pela imagem do imigrante europeu, o colono, o pioneiro.

João David Folador, *História de Coronel Vivida*.

1. Januário da Cunha Barbosa In: *Revista do IHGB*, (Rio de Janeiro, 2 (8): 573, Out./Dez. 1840)

Em 1992 surge uma iniciativa por parte da prefeitura da cidade de Coronel Vivida, localizada no sudoeste do Estado do Paraná, de “estabelecer as bases para uma história do município”, algo, então, sem precedentes no município: No “alvorecer” de seus 37 anos de emancipação “a administração atual procurou fazer algo que ninguém fez antes, para que outras administrações dêem continuidade no futuro”, terminando com a frase: “Município que não tem memória não tem história”.²

Entendemos essa relação entre a história e a memória como uma relação em que ambas possuem natureza diversa. É necessário perceber a memória como um conjunto de relações, de acumulação de fatos e, sobretudo, como uma dialética entre lembrança e esquecimento. “Só é possível lembrar porque é permitido esquecer”.³

Por hora, sem nos atermos mais nas implicações teóricas e metodológicas que tal frase pode gerar, atentamos para o fato de que esse tipo de iniciativa não é novo na história da historiografia brasileira. Um exemplo mais famoso é a contratação de Francisco Adolfo Varnhagem para escrever a oficial *História do Brasil*, financiada pelo Imperador Dom Pedro II em meados do século XIX.

De forma semelhante ao esperado por Dom Pedro II, então Imperador do Brasil, a administração vividense procurou instituir uma “História Oficial”, construída em conformidade com a administração pública e com os interesses políticos da gestão. Uma história que, como uma velha conselheira,

2 João David Folador, *História de Coronel Vivida*, (Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1992), 6.

3 Marialva Barbosa, *Os Donos do Rio. Imprensa, Poder e Público*, (Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000), 117.

desinteressada, pudesse clarear os caminhos, evitar os “escolhos” que as gerações presentes deveriam encontrar pelo caminho, para garantir-lhes um futuro de honra e progresso.

Essa história, “mestra da vida”, como a designara Reinhart Koselleck⁴, seria a responsável pela amalgamação da identidade de um povo, da pátria ou de qualquer lugar que ela representasse, guiando-lhe harmoniosamente para o futuro. Um futuro que por hora seria desencadeado progressivamente pela administração municipal da época e que, da mesma forma, buscava referenciais no passado para tal realização.

Buscava-se, nessa perspectiva, sistematizar uma produção historiográfica capaz de contribuir para o desenho dos contornos que se queria definir para a cidade, sobretudo, para o delineamento de uma identidade local: “Objetivamos com este livro registrar acontecimentos que oficialmente passam a fazer parte da história de Coronel Vivida”⁵. A “história” seria, portanto, nas palavras do prefeito, oficialmente instituída no município. Mas que história seria essa?

A fim de dar forma a uma memória local que pudesse dar sustentação à construção de um imaginário social que viesse legitimar a administração local, esta “História Oficial” privilegiou as famílias brancas pioneiras, assegurando, desta forma, “formar almas” em continuidade ao processo de civilização iniciado pelos colonizadores europeus, levantando-as como heróis e civilizadores.

Da mesma forma, os políticos em exercício em 1992, organizando o

4 Reinhart Koselleck, “*Historia Magistra Vitae*”, In: Reinhart Koselleck (org), *Vergangene Zukunft* Frankfurt/M., Suhrkamp, 1984, 8-66.

5 Folador, 229.

passado a fim de delimitar o processo histórico de forma a posicionarem-se nele como os continuadores do progresso e do desenvolvimento desencadeado pelos pioneiros. Nas palavras de José Murilo de Carvalho,

A elaboração de um imaginário é parte integrante da legitimação de qualquer regime político. É por meio do imaginário que se podem atingir não só a cabeça mas, de modo especial, o coração, isto é, as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. *É nele que as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro.* O imaginário social é constituído e se expressa por ideologias e utopias, sem dúvida, mas também [...] por símbolos, alegorias, rituais e mitos. ⁶

Nesta perspectiva, temos como objetivo desse trabalho, seguindo os caminhos apontados pelo historiador Manoel Luís Salgado Guimarães, perceber a escrita da história enquanto produto de certa historiografia “cujos limites são dados pelo lugar onde ela é produzida” ⁷.

Ao mesmo tempo, buscamos perceber características historiográficas comumente presentes nestas produções locais, a fim de detectar certas linhas discursivas que permearam as produções historiográficas do interior paranaense.

Sob esse prisma, partimos do pressuposto de que, devido à inexistência de relatos de caráter memorialístico na cidade, o que em si pode constituir um problema de pesquisa, a *História de Coronel Vivida* de Folador, mesmo

⁶ José Murilo de Carvalho, *A Formação das Almas: o Imaginário da República no Brasil*, (São Paulo: Companhia das Letras, 2003), 10, grifos meus.

⁷ Manoel Luis Salgado Guimarães, “Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional”, In: *Estudos Históricos: caminhos da historiografia*, (Rio de Janeiro, n. 1, 1988), 9.

O elogio da colonização: os “pioneiros”, a história de Coronel Vivida e construção de uma narrativa memorialístico/historiográfica no sudoeste paranaense.

que construída metodologicamente sobre um padrão acadêmico tradicional e ultrapassado, assumiu o papel de articular uma memória coletiva para a cidade, além da construção das bases para uma história “oficial”. No limiar entre a abordagem memorialístico e a historiográfica, a sua narrativa toma a frente na construção do imaginário local, sobretudo quanto à construção de uma identidade, origem, elite, memória, de um patrimônio cultural e histórico para a cidade.

O HISTORIADOR E SUA HISTÓRIA

Formado em História, Filosofia e Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, residindo na época em São Lourenço – Santa Catarina – João David Folador é contratado para escrever esta primeira história vividense. Pouquíssimas informações restam sobre o autor, entrando praticamente em esquecimento no município. As informações que se tem são basicamente as trazidas no início do livro: sua formação e onde residia na época. Em contato com o prefeito da época, funcionários e com outros moradores locais, praticamente nenhuma informação relevante foi encontrada sobre ele, nem mesmo se este autor continuaria vivo ou se já teria falecido.

Por essa lacuna enorme, uma parte importantíssima desta análise fica em branco: não sabemos realmente que fora João David Folador, onde nascera, a que grupo pertencia, perdendo-se grande parte do material necessário para entender de onde vinham suas idéias e de que “lugar social”⁸ especificamente falava. Porém, esse vazio adquire uma grande relevância no sentido de que a múltipla formação acadêmica era suficiente para garantir à administração

8 Michel de Certeau, “A operação historiográfica”, In: Michel de Certeau, *A escrita da História*, (Rio de Janeiro: Forense, 1982).

pública da época a legitimidade necessária para garantir à *História de Coronel Vivida* uma oficialidade verdadeira, atingindo os objetivos esperados pelo poder Executivo da cidade. Além disso, soma-se a iniciativa da Prefeitura vividense em encomendar as edições à Imprensa Oficial do Estado do Paraná, uma tiragem de 700 cópias, incentivo do Governo do Estado às produções locais e regionais com o objetivo de divulgar e promover a construção historiográfica paranaense, dando-lhe, da mesma forma, a legitimidade necessária.

A obra *História de Coronel Vivida* fixa-se, sobretudo, no levantamento e reverberação dos discursos veiculados pelas fontes oficiais escritas acerca da história paranaense e principalmente da região sudoeste, em sua grande maioria pertencente à Prefeitura Municipal. As fontes utilizadas são cartas, de cunho administrativo, em que fica fixada a autonomia do município vividense; fotos, geralmente ilustrativas ou utilizadas para se fazer comparações sobre o progresso do município nos anos de sua existência; atas da paróquia local, a fim de firmar a participação da igreja, principalmente a Católica Apostólica Romana, no desenvolvimento da cidade, como uma igreja que, mesmo separada do Estado, ainda exerce um papel político fundamental; mapas ilustrativos e tabelas de antigos censos paranaenses, utilizados a fim de comprovar as afirmações do autor sem qualquer problematização, simplesmente reafirmando o que a historiografia paranaense tradicional já escrevera.

Folador também se utiliza de entrevistas com moradores, mas não as aplica *stricto sensu* a sua obra. Não são entrevistas registradas e são utilizadas apenas para obter informações que lhe abriram caminho para encontrar as

O elogio da colonização: os “pioneiros”, a história de Coronel Vivida e construção de uma narrativa memorialístico/historiográfica no sudoeste paranaense.

fontes que necessitava.

Mesmo com pouquíssimas informações sobre o autor, este deixa muito claro seu papel na escrita da história vividense: “Esta é uma história de Coronel Vivida. Não está acabada, completa, sobre a qual não se tenha mais nada a escrever [...] é apenas o início de uma história escrita e Coronel Vivida, seu passado, seus primeiros moradores e o desenvolvimento do lugar”⁹.

Neste primeiro momento o autor demonstra quais suas intenções na escrita desta história - “[...] seus primeiros moradores e o desenvolvimento do lugar”¹⁰. Nota-se, portanto, qual a abordagem adotada pelo autor, uma história dos pioneiros, desbravadores, civilizadores e construtores da cidade.

Uma história que visa, sobretudo, o progresso, indicado também pela utilização que o autor faz das fotos antigas, contrapondo-as às fotos contemporâneas à escrita do livro, demonstrando as transformações recentes, empreendida pela administração pública da época, e também financiadora da obra.

Para o autor, ele é o primeiro a escrever essa história, que, segundo ele, deverá ser sucedida por outros:

Este livro lança as bases, monta a estrutura para uma história mais detalhada, mais completa, que deverá ser escrita, através dos anos, por aqueles que dispuserem de competência e condições. *O importante é que existe um ponto de partida. Antes desse livro nada havia.* Alguns fatos e pioneiros significativos podem até não terem sido mencionados. Isto não tira o valor deste trabalho, pois ele é apenas o começo de uma tarefa que levará muitos anos para ser concluída. A história nunca se esgota. Jamais se contará tudo

9 Folador, 7.

10 Folador, 7.

o que precisaria ser contado sobre um povo, um país, uma cidade, uma vila. Sobre o homem, suas conquistas e realizações¹¹.

Entendendo-se também como pioneiro, Folador equipara o seu trabalho de historiador às conquistas alcançadas pelos “idealizados” fundadores da cidade: “Mas o primeiro passo de uma grande jornada está aqui, neste livro. Continuar a viagem é preciso. Outros historiadores se lançarão a esta tarefa, e *se forem idealistas e corajosos* como os colonizadores que fundaram Coronel Vivida”¹². A idéia da coragem e do idealismo que o autor pressupõe para esses colonizadores, heróis, responsáveis pelo desenvolvimento da cidade e da pátria, é evocada como capital simbólico para a construção de sua própria posição, a de primeiro historiador da cidade.

Desta forma, como escritor dotado de capital cultural suficiente para sua legitimação, transforma-se, senão em construtor da cidade, em construtor da memória desta, de sua história. Essa história o transforma em pioneiro e o ascende ao panteão desses “desbravadores”, que iniciaram a jornada rumo ao desenvolvimento da cidade, seja ele material ou cultural.

A HISTÓRIA DE CORONEL VIVIDA

A obra *História de Coronel Vivida*, estruturalmente, é dividida em duas partes: “Parte Geral” e “Parte Especial”,

A primeira parte do livro, denominada “Parte Geral”, valoriza a colonização europeia (principalmente portuguesa), sobretudo nos aspectos

11 Folador, 7, grifos meus.

12 Folador, 7, grifos meus.

O elogio da colonização: os “pioneiros”, a história de Coronel Vivida e construção de uma narrativa memorialístico/historiográfica no sudoeste paranaense.

políticos. Em base, esta parte do livro não se diferencia muito das obras seminais sobre a “História do Paraná” de autores como Romário Martins¹³ e Ruy C. Wachowicz¹⁴, apontando principalmente para uma “história das origens” ou dos “primórdios”, reconstruindo, de forma linear, a “História Oficial” delimitando espacialmente e culturalmente as fronteiras de uma identidade paranaense. Tentam dar conta da gênese do Estado, inserindo-o numa tradição de civilização e progresso, “idéias tão caras ao iluminismo”¹⁵.

Nesta parte do livro, o autor aborda temas como: Reduções Jesuíticas, Tratado de Madrid, República Guaranítica, Sete Povos, Tratado de Santo Ildefonso, formação das primeiras cidades, economia, influência das Guerras, Revolução Federalista, O “Grilo”, Missões e Evolução Político-Administrativa do Sudoeste do Paraná. Suas abordagens não se diferenciam em nada das abordagens já empreendidas pela história tradicional.

O autor faz apenas um breve resumo de cada assunto, sem qualquer tipo de problematização. Uma história que visa traçar uma linha continuadora de certa “tarefa civilizadora iniciada pela colonização portuguesa”¹⁶ e pela historiografia que buscava se identificar como legítima e oficial. Isso em fins do século XX, onde essa história, academicamente já se via ultrapassada e seriamente desconstruída.

Logo nos primeiros parágrafos do livro o autor da mostras da linha discursiva que traçará no restante do livro: “Coronel Vivida pertence hoje ao *glorioso e progressista* Estado do Paraná. *Mas não foi sempre assim*. As terras

13 Alfredo Romário Martins, *História do Paraná*, (Curitiba: Gráfica Paranaense, 1937).

14 Ruy C. Wachowicz, *História do Paraná*, (Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná, 2002).

15 Guimarães, 8.

16 Guimarães, 6.

que formam este município, pertenceram à Espanha e à província espanhola do Paraguai; [...] Para se entender esta *evolução* é necessário regredir à época dos descobrimentos da América e do Brasil”¹⁷.

No bojo do discurso do progresso, Folador ratifica a idealização do Estado do Paraná, fruto da colonização européia, sobretudo, nesse primeiro momento, iniciada pelos portugueses. Porém, como afirma o autor, “não foi sempre assim”. O Paraná, em “processo evolutivo” iniciado pela colonização portuguesa, havia superado o atraso da colonização espanhola. Hoje, “glorioso e progressista”, o Estado do Paraná estaria dando continuidade ao progresso e a evolução empreendida pelos portugueses.

Uma outra característica que podemos apontar neste trecho é a inexistência de qualquer relação aos povos nativos da região e que já possuíam comunidades formadas e traços culturais bastante marcados antes do contato com o europeu. A idéia de uma terra vazia, devoluta, no momento da colonização era desta forma, reafirmada.

O autor exclui o indígena enquanto fator de povoamento, dotado de uma história anterior aos colonizadores. Estes povos indígenas são incluídos enquanto contato com o “branco”, parte constituinte do processo colonizatório e civilizatório por estes iniciado, seja como inimigo ou colaborador: “Nesta área os jesuítas levantaram uma civilização adiantadíssima, *ao nível da cultura européia*, cuja população ascendia a 600 mil índios, sob as ordens de um governo teocrático. Era a República Guaranítica [...]”¹⁸. Pode se sublinhar o comentário do autor ao comparar esta República Guaranítica à cultura européia, idealizando, portanto, o grau evolutivo de uma civilização européia

17 Folador, 12, grifos meus.

18 Folador, 22, grifos meus.

O elogio da colonização: os “pioneiros”, a história de Coronel Vivida e construção de uma narrativa memorialístico/historiográfica no sudoeste paranaense.

frente aos povos americanos, sem identificar as diferenças e especificidades dessas duas sociedades. Essa história, nesta perspectiva, aponta “quem é definido como o ‘outro’”¹⁹ ao mesmo tempo em que parte do pressuposto de que a Europa gozava de um alto nível evolutivo, símbolo da civilização.

Excluindo o indígena e o negro²⁰ como elementos sociológicos formadores do “povo sulino”, o autor aponta então os bandeirantes paulistas, estancieiros, imigrantes e colonos europeus como pioneiros e formadores da identidade racial e étnica do sul do Brasil:

Em linhas gerais, são estes os *elementos sociológicos e históricos responsáveis pela formação do povo sulino*, do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina. É uma cultura típica, *completamente diferente daquela de outras regiões do Brasil*, ainda não suficientemente estudada e explicada. Uma cultura poderosa, forte, vibrante e vigorosa, integrada pela imagem do bandeirante e estancieiro e pela imagem do imigrante europeu, o colono, o pioneiro²¹.

Dessa forma, o Sul do Brasil estaria mais próximo do ideal da civilização européia, seja pelos elementos formadores de sua população, sobretudo imigrantes, pelas práticas culturais e principalmente pela cor da pele.

Na segunda parte do livro, intitulada “Parte Especial”, o autor centra-se na narrativa de uma história vividense, construída através da iniciativa dos pioneiros, identificadas pelas famílias Bachmann (de origem alemã) e Polese

19 Guimarães, 7.

20 Segundo o autor, devido ao grande número de trabalhadores livres, o escravo negro teria pouca participação no sul brasileiro (Cf., João David Folador. Op. cit, p.53-54.)

21 Folador, 55, grifos meus.

(de origem italiana). Segundo o autor, outros povoamentos que pudessem ter havido nesta mesma região tratavam-se de povoamentos precários “consistindo em reconhecimento de terrenos, esconderijo de foragidos da justiça, ou ousadia de aventureiros”²². A desqualificação dos antigos moradores da região é o ponto de partida para o discurso de legitimação das famílias Bachmann e Polese.

A todo o momento o autor aponta para as proezas destes heróis pioneiros, dando-lhes qualidades sobre-humanas, a fim de enaltecê-los, como fez com João Bachmann na passagem que segue: “era *homem instruído*, falava *fluentemente oito idiomas* e tinha conhecimentos de medição”²³. As motivações dos pioneiros são também idealizadas por Folador: “Diante de tal notícia [a morte de um homem de picada de cobra], Pedro Polese e João Bachmann, movidos por *espírito de aventura* e desafio, resolveram continuar a viagem interrompida pela infeliz comissão”²⁴.

Não são apenas homens instruídos e corajosos, mas bons cristãos – “de origem protestante, João Bachmann morreu cristão, deixando ordem de batizarem seus filhos, o que aconteceu algum tempo depois”²⁵. Mesmo com a afirmação de que um dos pioneiros era protestante, é à Igreja Católica que é delegada a função de principal formadora moral da cidade. À igreja Luterana, dos Bachmann, fica o *status* de segunda religião da cidade.

Outra estratégia utilizada pelo autor é a narrativa de histórias ligadas ao surgimento da cidade, ou seja, à construção de um “acontecimento

22 Folador, 93.

23 Folador, 96, grifos meus.

24 Folador, 96, grifos meus.

25 Folador, 97.

O elogio da colonização: os “pioneiros”, a história de Coronel Vivida e construção de uma narrativa memorialístico/historiográfica no sudoeste paranaense.

fundador”²⁶ que traz características romaneçadas à fundação da cidade e aos seus empreendedores:

Vinha ele a caçadas, em companhia de João Polese, seu irmão. De certa feita estes caçadores mataram uma grande anta, no banhado que serve de cabeceira do rio denominado hoje Barro Preto. Ao resgatar o animal que se afundara no lodo, João e Pedro Polese constataram que este era preto, e *admiraram-se do “barro preto” achado. Era um barro preto como carvão*. Tratando-se de lugar freqüentado por muitos animais de caça, sobretudo antas, tornou-se costumeiro aos habitantes e caçadores daqueles tempos, referirem-se a este banhado como “barro preto”. *O nome ficou sempre gravado*, tendo sido a primitiva denominação da atual cidade de Coronel Vivida.²⁷

Nessa perspectiva, o passado havia se encaminhado linearmente para o futuro. As ações dos antepassados, continuamente haviam lançado as bases para o surgimento da cidade, sem quaisquer acidentes, sem rupturas.

O autor também aponta, em grande parte da obra, para o que seria “as primeiras construções da cidade”, obra de seus pioneiros: “Palmeirinha teve a primeira serraria da história do município”²⁸, “Curt Krambeck é o primeiro mecânico de Barro Preto. Aqui chegou em 07/06/1949. No mesmo ano construiu oficina e com ela prosperou, *começando sua nova vida com apenas uma caixa de ferramentas e bom preparo profissional*”²⁹, “em 1946/47, a vila de Barro Preto já possuía os estabelecimentos básicos à vida social de uma

26 Tania Regina de Luca, “São Paulo e a construção da identidade nacional”, In: Antonio Celso Ferreira(org), et. AL, *Encontros com a história: percursos históricos e historiográficos de São Paulo*, (São Paulo: Editora UNESP, 1999),.86.

27 Luca.99-100, grifos meus.

28 Folador, 104.

29 Folador, 128, grifos meus.

pequena comunidade: a capelinha, o grupo escolar, moinho, serraria, hotel, bodega, farmácia, algum caminhão³⁰. A presença da capelinha em primeiro lugar entre os “estabelecimentos básicos à vida social” ratifica ainda a idéia de uma cidade fundada sobre o discurso da civilização, do progresso e da religião cristã.

Porém, uma das questões mais instigantes da obra é como o autor trata os moradores que já viviam na região: “a maioria dos moradores são caboclos que detêm a *mera posse das terras*”³¹. Ou seja, esta mesma historiografia estará definindo aqueles que internamente ficarão excluídos deste projeto “por não serem portadores da noção de civilização: índios e negros”³². Essa situação ainda pode ser explicitada nesta outra passagem do texto: “As terras do atual município de Coronel Vivida, no início do povoamento, pertenciam ao Estado, e chamavam-se, por isso “devolutas”. [...] Embora existisse esta possibilidade a posse de fato, sem título, era a mais comum. Entre os “caboclos”, regra geral. Já os colonos de “origem”, italianos, alemães, poloneses, interessavam-se por escrituras”³³.

Observando a passagem anterior, nota-se que a posse do território deixara de ser encarada como dádiva para assumir “o caráter de um esforço conscientemente encetado pelos antepassados”³⁴. O homem, em sua relação íntima com a escrita, seria o iniciador da história. Uma mesma história que se faz a partir da “escritura”.

Essa diferenciação entre pioneiros e os caboclos habitantes do local

30 Folador, 132.

31 Folador, 97, grifos meus.

32 Guimarães, 7.

33 Folador, 142.

34 Luca, 88.

O elogio da colonização: os “pioneiros”, a história de Coronel Vivida e construção de uma narrativa memorialístico/historiográfica no sudoeste paranaense.

fica mais explícita a cada passagem do texto: “Luiz Ferri e sua família foram os primeiro homens “brancos” a povoarem Palmeirinha. Caboclos, ali e nas proximidades, havia já desde 1930, ou até anos antes [...]”³⁵. Com isso o autor reitera a idéia de uma colonização efetiva realizada pelos “brancos”, de “origem” européia. Não seria a presença de homens na região que denotaria o início da ocupação do território, mas a presença de homens com a noção de civilização fundamental para o surgimento da cidade. Eram estes homens que se queria guardar na memória da população. Uma cidade que nasce sobre o discurso do progresso, da civilização e do cristianismo desde as suas raízes.

Os últimos capítulos do livro centram-se sobre questões de caráter administrativo do município, desde sua emancipação, apontando provas desta e de que o antigo nome da cidade teria sido realmente “Barro Preto”³⁶. Além disso, buscam realçar o que as gestões administrativas, desde a primeira até a contemporânea a obra havia feito para o progresso do município.

O autor fixa-se sobre a indicação de quais foram os prefeitos, vereadores, vereadoras e as construções de cada gestão até 1992. Desta forma, o fim do livro fica relegado à indicação da Administração pública da época como continuidade do processo de desenvolvimento da cidade, inserindo Prefeito, vice e vereadores no “panteão dos construtores da história local”. Apontando os supostos novos empreendedores do progresso do município, linearmente, constrói-se uma continuidade entre esses e os fundadores. Como àqueles que assumiram o papel de novos desbravadores, inserem-se como os novos “personagens da história”, os novos “sujeitos”, que ficarão na memória e na história do município, liderando a população, “colaboradora anônima”,

35 Folador, 101.

36 Folador, 171.

à mudança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de João David Folador é explícita quanto a seus objetivos: uma história dos pioneiros, “brancos”, cristãos, da origem do município e do seu progresso, produto do trabalho destes pioneiros.

Mesmo sendo uma obra que prima por uma abordagem por muitos apontada como ultrapassada no campo da historiografia brasileira da época, é uma obra de importância vital para cidade, inicialmente por ser a primeira tentativa historiográfica local e pelo grande acervo de fontes que levanta e organiza. É um trabalho de grande reunião e seleção de fontes.

Obra de erudição, dentro dos padrões de uma história de moldes metodológicos tradicionais, que propõe-se a narrativa dos fatos “tal qual acontecerem”, encontra-se na fronteira com as obras de cunho memorialístico empreendendo a tentativa de selecionar a memória de alguns moradores impondo-a como memória social coletiva, sobretudo pela inexistência de tal tipo de produção.

Ao mesmo tempo, essa *História de Coronel Vívoda* distancia-se da abordagem memorialística pela crítica documental, mesmo que superficial que exerce, e pelo afastamento do historiador e de seu objeto. Tudo somado, da margem a amalgamação de uma história/memória legitimadora dos ideais das elites estabelecidas na cidade, oficializando fatos integrantes de uma memória selecionada de uma ínfima parcela da população detentora do *status* e dos meios de poder e legitimação local. ³⁷

37 Obviamente que a proposta de neutralidade efetivamente não ocorre, mesmo com o afastamento do historiador, pois este não pode se isolar de seu presente e nem se desvincular

O elogio da colonização: os “pioneiros”, a história de Coronel Vivida e construção de uma narrativa memorialístico/historiográfica no sudoeste paranaense.

Ainda, podemos perceber que a proposta de dar conta da gênese da cidade, inserida numa tradição de civilização e progresso, está intimamente ligada à construção da afirmação do “progresso” empreendido pela administração pública. A história não apenas transita sobre a memória de alguns moradores, mas a oficializa e a delimita: os sujeitos da história são as grandes famílias, os brancos, em continuidade à colonização européia, e os políticos locais incumbidos da administração da cidade.

O elemento branco enquanto portador do ideal de civilização é o desencadeador do progresso e da evolução. Dessa forma, a memória que se quer construir ou selecionar para a cidade é lapidada em torno desses ideais: a civilização européia e o progresso. Os mestiços, negros e indígenas continuam figurando como preguiçosos, incultos, não civilizados, atrasados, hora inimigos selvagens, hora fiéis colaboradores das iniciativas e do pioneirismo desbravador dos ocupadores europeus.

Essa história não seria reescrita, mas completada através dos anos. Realmente, como pretendia o autor a obra alcançou com êxito o objetivo de ser o primeiro passo para uma “História Vividense”, mesmo que fortemente calcada na memória das elites brancas locais e na construção do mito dos “Pioneiros”. Um exemplo que pode elucidar questões mais amplas como as maneiras pela qual a historiografia do interior paranaense foi e vem sendo construída, podendo, quem sabe, futuramente identificarem-se determinadas características metodológicas específicas da historiografia do interior do Paraná, da circulação de idéias e de textos referentes à construção da história.

dos meios que lhe possibilitam a escrita: os pares, a aceitação do público, os meio de financiamento e de seu sustento, sobretudo os três últimos. A obra *História de Coronel Vivida*, portanto, reflete em muito o pensamento e a opinião de seu autor, e, principalmente, de quem a financiou.

Resumen: En 1992, una iniciativa proviene de la prefectura vividense a sentar las bases para una historia de la ciudad. Formado en Historia, Filosofía y Derecho por la Universidad Federal de Rio Grande do Sul, en el momento en San Lorenzo - Santa Catarina - João David Folador es contratado para escribir la primera historia vividense. Muy pocos detalles que quedan en el autor, que en el olvido cerca de la ciudad. Desde esta perspectiva, este trabajo, búsqueda de reflexionar sobre esta empresa, y tratar de entender la elección de los temas en los trabajos y las bases teóricas y metodológicas adoptadas por el autor.

Palabras clave: Historia de Coronel Vivida; escritura de la historia, memoria, pioneros.

Abstract: In 1992 an initiative comes from the Coronel Vivida prefecture to lay the groundwork for a history of the city. Formed in History, Philosophy and Law from the Federal University of Rio Grande do Sul, at the time and living in São Lourenço - Santa Catarina - João David Folador is hired to write the Coronel Vivida first story. Very few details left on the author, coming in near oblivion in the city. From this perspective, this work, search reflect on this venture, and seek to understand the choice of themes in the work and the theoretical and methodological stance adopted by the author.

Key-words: History of Coronel Vivida; writing of history; memories; pioneers.